



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

ELISÂNGELA CELY ARAÚJO SILVA

**NORDESTE: ESPAÇO DA SAUDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA EM
“A TRISTE PARTIDA E “ASA BRANCA”**

CAMPINA GRANDE - PB

2012

ELISÂNGELA CELY ARAÚJO SILVA

**NORDESTE: ESPAÇO DA SAUDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA EM
“ATRISTE PARTIDA E “ASA BRANCA”**

Monografia apresentada ao departamento de História da universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como exigência para obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586n Silva, Elisângela Cely Araújo.

Nordeste [manuscrito] : espaço da saudade na música de Luiz Gonzaga em "a triste partida e 'asa branca' / Elisângela Cely Araújo Silva. – 2012. 52f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof^a. Dra. Maria Lindaci Gomes de Sousa,
Departamento de História”.

1. Música – Asa Branca. 2. Luiz Gonzaga. 3. Nordeste. I. Título.

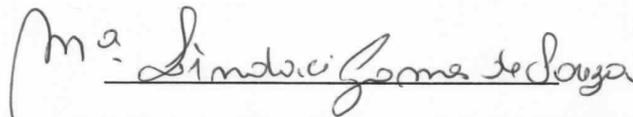
21. ed. CDD 780

ELISÂNGELA CELY ARAÚJO SILVA

NORDESTE: ESPAÇO DA SAUDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA EM
“A TRISTE PARTIDA E “ASA BRANCA”

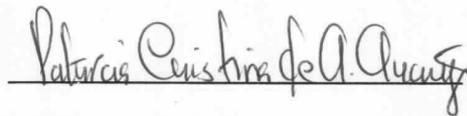
Monografia apresentada ao departamento
de História da universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como exigência para
obtenção do título de licenciatura plena em
História.

Aprovada em 05/12/12



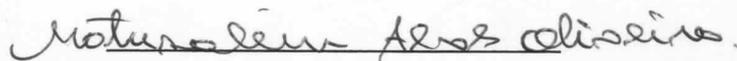
Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB

Orientadora



Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB

Examinadora



Prof. Msc. Matusalém Alves Oliveira / UEPB

Examinador

Agradecimentos

A Deus autor e consumidor da minha fé, a quem dedico essa vitória e serei eternamente grata. Pai te amo.

A minha mãe Maria de Lourdes, por todo o apoio, carinho e cuidado de uma vida inteira. A todos os demais familiares que compartilharam de minha caminhada e àqueles que mesmo distante torceram por mim.

Aos queridos amigos de curso por ter me proporcionado momentos incríveis, especialmente, pela cumplicidade, ajuda, amizade e carinho, pessoas com as quais aprendi muito, que cruzaram o meu caminho e marcaram minha história de vida, a esses, meu reconhecimento pelo incentivo e apoio constante.

A professora orientadora Lincaci pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste trabalho. A todos os professores do curso que foram tão importantes na minha vida acadêmica muito obrigada.

Sumário

Introdução -----	9
Capítulo 1 - Lugar Social de Luiz Gonzaga na música nordestina -----	12
1. 1 - A trajetória musical de Luiz Gonzaga-----	13
Capítulo 2 - A era do rádio e as músicas de Luiz Gonzaga -----	18
2.1 – A consolidação do rádio na década de 40-----	19
Capítulo 3 - O conceito de região e identidade na música de Luiz Gonzaga -----	23
3.1 - O preconceito regional vinculada na música “A Triste Partida” -----	33
3.2 - A representação do Nordeste como espaço da saudade na música “Asa Branca”-----	40
Considerações Finais -----	45
Referência Bibliográfica -----	46
Anexos -----	48

“Quero ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito
seu povo, o sertão...”

Luiz Gonzaga

Resumo

A importância desse trabalho deve-se ao fato de que Luiz Gonzaga realizou como também deixou um vasto legado musical para a cultura brasileira, especialmente cantando e falando do Nordeste. Para tanto, buscamos discutir através da música “A Triste Partida” e “Asa Branca” a forma como é retratada a identidade no nordestino, assim como se configura nessas músicas o Nordeste caracterizado como espaço da saudade. Nesse sentido este trabalho se propõe analisar essas canções mostrando como as mesmas, ajudaram a propagar essa ideia de um Nordeste atrasado, incivilizado e com dificuldades, e que constantemente em suas canções vão construindo a imagem da saudade da terra nordestina, do lugar, da família e dos amores. É esse Nordeste que estar sempre vivenciado no passado, através daqueles que migraram do Nordeste e um dia sonham em voltar. É justamente nos meados dos anos 40 que surge Luiz Gonzaga, no momento em que a rádio está em plena expansão, assim como o país e a música brasileira que passam por significativas mudanças. Nesse sentido, Gonzaga assume a identidade nordestina, chamando atenção para o problema dessa região, tornando-a conhecida, para tanto se apropria da voz, do sotaque, da vestimenta. Muito embora, o discurso gonzaguiano reforce essa imagem homogênea que é construída em torno do Nordeste. Outro ponto que destacaremos é a linguagem forte, bastante carregada de figuras de linguagens, nesse caso, as comparativas, simbologias e expressões regionais que serão marca de suas músicas. E por fim o Nordeste cantando por ele é um Nordeste sem mudanças e sem perspectivas, ou seja, tudo parece estar como antes do jeito que ele deixou, mas que traz esse passado através de suas lembranças. O Nordeste é visto e sentido por ele em suas canções como espaço da saudade, saudade da infância, das brincadeiras e do convívio com as pessoas. Nordeste das tradições, dos homens simples e tementes a Deus, feitos de migrantes saudosos que nunca perderam a esperança de voltar á terra natal. Percebemos neste trabalho o quanto o Nordeste enquanto espaço vai além do aspecto físico mais que se consolida como memória viva nas canções de Gonzaga.

Palavras-chaves: Saudade, Nordeste, Música, Luiz Gonzaga

Resumen

La importancia de este trabajo es debido al hecho de que Luiz Gonzaga realizada pero también dejó un legado musical enorme para la cultura brasileña, especialmente el canto y el habla del Nordeste. Con este fin, se discute a través de la canción "The Departure triste" y "Asa Branca" cómo la identidad es retratado en el nordeste, como si estas canciones configura el nordeste caracteriza por ser un espacio de nostalgia. En este sentido, este trabajo pretende analizar estas canciones que muestran la forma en que ayudó a propagar esta idea de algunas dificultades noreste finales, incivilizado y, y constantemente en sus canciones están construyendo la imagen de la tierra nostalgia del Nordeste, el lugar, la familia y ama. ¿Es esto lo Nodreste ocurrido siempre en el pasado, a través de los que emigraron desde el noreste y un sueño del día de regreso. Es precisamente a mediados de los años 40 que Luiz Gonzaga llega en un momento en que la radio está en auge, y el país y la música brasileña que sufren cambios significativos. En consecuencia, Gonzaga asume la identidad del Noreste, llamando la atención sobre el problema de esta región, por lo que es conocido tanto se apropia de la voz, el acento, la ropa. Aunque el discurso gonzaguiano reforzar esa imagen de que es homogénea en torno al noreste. Otro punto a destacar es el lenguaje fuerte, muy llena de figuras de idiomas, en este caso, los símbolos comparativos regionales y expresiones que marcarán sus canciones. Y, finalmente, el canto del Nordeste para él es un Northeast sin cambios y sin perspectivas, es decir, todo lo que parece ser el camino antes de irse, pero eso significaba que pasaba a través de sus recuerdos. El noreste es visto y sentido por él como un espacio en sus canciones de añoranza, nostalgia de la infancia, los juegos y socializar con la gente. Tradiciones del nordeste, hombres sencillos, temerosos de Dios, hechos de los migrantes anhelo que nunca perdió la esperanza de volver a la patria. Percibimos este trabajo como el Nordeste como un área va más allá del aspecto físico más que consolidado como una memoria viva en las canciones de Gonzaga.

Palabras clave: Saudade, Nordeste, Música, Luiz Gonzaga

Introdução

Este trabalho tem como proposta demonstrar a forma como a região Nordeste é representada e apropriada através das músicas de Luiz Gonzaga “A Triste Partida” e “Asa Branca”.

A importância em desenvolver esse trabalho deve-se ao fato de que Luiz Gonzaga realizou como também deixou um vasto legado musical para a cultura brasileira, especialmente cantando e falando do Nordeste. Para tanto faremos um análise de sua obra, especificamente, as músicas “A Triste Partida e “Asa Branca” as quais abordam as adversidades do homem nordestino, como também mostraremos o quanto o tema saudade fará parte de sua música e de sua poesia. Embora essas acabem reforçando uma imagem estereotipada da região.

Nesse sentido, o objetivo principal é fazer uma análise da música de Luiz Gonzaga como um dos principais representantes da cultura brasileira especialmente em “A Triste Partida’ e “Asa Branca”. Buscando discutir a forma como é retratada a identidade do nordestino, assim como se configura nessas músicas o Nordeste como espaço da saudade.

Todavia antes de discutir do que tratam essas canções. É preciso pensar a música enquanto documento histórico, e como tal compreendermos a sua importância para a academia e para o historiador. A letra da música também se constitui como um documento, e uma das formas mais conhecidas de manifestações, a qual se faz presente na vida de quase todas as pessoas. Em se tratando de música a nordestina a qual será objeto de nossos estudos, neste caso, “A Triste Partida e “Asa Branca”, vimos que ambas trazem em seus conteúdos o Nordeste. Sendo que a primeira vai tratar do migrante nordestino, mostrando o mesmo como retirante que se ver obrigado a deixar para trás uma vida consolidada. Embora leve consigo a dor e angústia e a saudade de sua terra e do seu lugar. “Asa Branca” vai trabalhar com a questão da seca, da pobreza, das injustiças e as tristezas de uma árida terra do sertão nordestino esse representado como espaço da saudade.

Nosso objetivo ainda nesse trabalho é discutir o Nordeste saudosos de Gonzaga, suas lembranças, e seu lugar de memória, nesse caso, o sertão. A partir de suas músicas

iremos identificar através das estrofes como a identidade do homem nordestino situado nesse espaço vai sendo construída.

Nesta pesquisa pretendemos mostrar como o seu ritmo, melodia e a forma de dançar, e seu uso inovador da sanfona, fizeram parte de suas composições, e como Gonzaga através de sua música, divulga a forma de ser e se ver o Nordeste e de interpretá-lo.

E por fim neste trabalho temos como objetivo mostrar o Nordeste como sendo um espaço de memória viva nas lembranças e no saudosismo de Luiz Gonzaga em relação a seu passado no Sertão que a seca sempre castigava.

Quanto ao aspecto metodológico o trabalho se fundamenta numa pesquisa bibliográfica, a qual relata o Sertão nordestino na música de Luiz Gonzaga. Nesse sentido estamos nos apropriando das novas linguagens a partir da música. Sem a mesma é impossível renovar os métodos de pesquisa e de ensino. Dessa forma trazemos para a academia e para o professor de História uma possibilidade interessante e diferente de dar aula, usando algo que faz parte do cotidiano do aluno, nesse caso a música. Dessa maneira trazemos como sugestão a história de vida, bem como a musica de Luiz Gonzaga para entender o que foi e o que representou a música nordestina para o Brasil.

Para análise de nossa discussão teórica estamos estabelecendo um diálogo com a Nova História Francesa a partir do Nordeste: Espaço da saudade na música de Luiz Gonzaga em “A Triste Partida” e “Asa Branca”. Tendo em vista que é a partir da Geração dos Annales que o historiador se apropria de novos objetos históricos. Desse modo faremos um recorte temporal, a partir desse diálogo entre a música e as lembranças saudosas de Luiz Gonzaga apresentando o Nordeste como espaço da saudade.

Para fundamentar nossa pesquisa nos apropriamos das concepções de alguns teóricos entre eles: Albuquerque Júnior (2009) o qual vai mostrar a o Nordeste como sendo uma invenção, e, portanto surge a partir dos discursos construídos. Tivemos a colaboração de Napolitano (2005) que vai investigar e fazer um minucioso trabalho sobre História e música desde a erudita até chegar a musicar popular propriamente dita. Tivemos a importância de Bourdieu (2006) que trabalha com o poder simbólico e conceitua região através das relações de poder. Outro renomado historiador é Siqueira

(2000), que compreende região através dos discursos fundadores e das relações de força. Destacamos a geografa Sandra Lencioni (1999), para essa autora o aspecto fenomenológico e o clima definirá região. E Hall (2006), que discutirá identidades a partir da crise da mesma, e como essas vão sendo fragmentadas, e conseqüentemente transformadas. Dentre outros, mas finalizaremos com Chartier (1990) que pensa representação a partir da apropriação e da forma como cada indivíduo analisa, interpreta e constrói suas visões de mundo.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: O primeiro intitulado: **Lugar social de Luiz Gonzaga na música nordestina**, o qual vai tratar de sua vida e obra musical e a partir disso faremos uma contextualização com as suas músicas. No segundo capítulo o qual estamos denominando: **A era do rádio e as músicas de Luiz Gonzaga, abordamos** o rádio fazendo um resgate histórico na década de 40, mostrando como esse instrumento influenciou a política, a cultura, a economia, o social e o artístico neste período, e como se consolida tornando-se um dos maiores veículos de comunicação. De forma que a rádio passou a fazer parte do cotidiano das pessoas. No terceiro e último capítulo trata sobre: **O conceito de região e de identidade na música de Luiz Gonzaga**. Nesse sentido, apresentaremos alguns pontos de vistas que contribuem para o entendimento do tema considerado complexo, e em seguida refletiremos como as músicas de Luiz Gonzaga vão construindo a identidade nordestina, mas falar sobre identidades é antes de tudo trazermos o pensamento e a discussão que Stuart Hall faz sobre a mesma. Esse terceiro capítulo está dividido em dois tópicos no qual discutiremos: O preconceito contra o nordestino vinculada na música “A Triste Partida” bem como mostraremos: A representação do Nordeste como espaço da saudade na música “Asa Branca” a partir disso faremos uma análise mostrando como nessas músicas, Gonzaga buscará através da memória, traçar um resgate do seu saudoso passado sertanejo, isto será visível através de suas lembranças, em forma de versos, especialmente nessa canção, que certamente, marcou sua história de vida neste espaço da saudade.

Capítulo 1:

LUGAR SOCIAL DE LUIZ GONZAGA NA MÚSICA NORDESTINA

1.1 A trajetória musical de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga Nascimento nasceu na fazenda Caiçara, na zona rural de Exu, em Pernambuco no dia 13 de dezembro de 1912. Filho de Januário José dos Santos que trabalhava na roça, no latifúndio, e nas horas vagas tocava e também concertava sanfona, foi com ele que aprendeu a tocá-lo. Não era nem adolescente quando passou a se apresentar em bailes, feiras e forrós. Sua mãe chamava-se Ana Batista de Jesus (Santana).

Aos 18 anos se apaixona por Nazarena, uma moça da região, todavia essa paixão é proibida pelo coronel Raimundo Deolindo, que o ameaça de morte, mesmo assim, eles levam adiante esse namoro e planejavam serem felizes juntos. Quando toma conhecimento desse fato, os pais de Luiz deram uma surra nele. Revoltado com este fato foge de casa e ingressa no exército de Crato no Ceará em 1930, e passa agora a servir a Revolução, como soldado viajando por vários estados brasileiros. Em passagem por Minas Gerais conhece Ambrósio também soldado essa amizade o despertará para a musicalidade.

Em 1939 pede dispensa da corporação para dedicar-se a música, no início tocava ritmos estrangeiros (choro, valsa, foxtrotes...) e outros gêneros, todavia sem sucesso, apresentava-se com terno e gravata.

No Rio de Janeiro, cantou em bailes, cabarés, chegando até a tocar nas ruas para garantir seu sustento. Em 41 apresentou-se no programa de Ary Barroso na Rádio Nacional como o forró “Vira e Mexe” e foi aplaudido o que lhe rendeu um contrato com a gravadora Victor, logo em contato com outros artistas, conhece o gaúcho Pedro Raimundo que usava trajes típicos de sua região. A partir desse momento Gonzaga vestiu-se como vaqueiro, o figurino que o consagrou como artista e o baião que o torna conhecido nacionalmente.

No ano de 45 conheceu Odaléia Guedes dos Santos, cantora de coro e sambista com quem manteve um relacionamento de paixão e atração, e ao mesmo tempo conflituoso, repleto de ciúmes e brigas. Léia deu a luz a um filho a quem Gonzaga deu-lhe o seu nome. Essa paternidade é uma lacuna que fica na indagação de alguns pesquisadores alguns afirmam que Gonzaguinha é seu filho biológico, outros, porém, discordam.

Mas Léia contraiu tuberculose e chega a falecer em 48 deixando Gonzaguinha órfão, ficando sobre os cuidados dos padrinhos Leopoldina e Henrique Xavier Pinheiro, que moravam no morro São Carlos, Luiz o visitava e sustentava financeiramente. Esses por sua vez, criaram com amor e carinho. Nesse mesmo ano conhece Helena uma

professora que se tornaria sua secretária particular com quem veio a se casar. Decide então levar Gonzaguinha para morar com eles, porém Helena não aceita.



Foto 1. Gonzaga e sua esposa Helena e seus pais Januário e Santana

Fonte: Internet

No que diz respeito a sua vida pessoal teve uma relação conturbada com seu filho, porque percebeu que Gonzaguinha andava com péssimas companhias, além de viver com malandros da Favela. Dina tentava unir pai e filho, mas Helena não gostava dessa proximidade entre eles. Ainda na adolescência, o jovem tornou-se rebelde e não aceitava morar com o pai. Helena o tratava, humilhava e Gonzaga era autoritário, conservador.

Não encontrando solução Gonzaga decide interná-lo no colégio. Ali contrai tuberculose e o pai leva-o para morar com ele na Ilha do Governador. Mas com o passar do tempo à convivência se torna impossível, e mais uma vez eles se separam. Ou seja,

era um relacionamento repleto de encontros e desencontros, de mágoas, perdas e marcados pelo distanciamento na forma de se pensar e de ver a vida.

Na realidade não era apenas um conflito de pai e filho, mais envolvia outros elementos como personalidades, gerações, formações culturais, posicionamentos políticos e musicais diferentes. Enquanto Gonzaguinha protestava contra a ditadura, Luiz apoiava.

Mas tarde com uma maior abertura política no país Luizinho começa a ressignificar suas ideias e modificar seus discursos, e passa a compor músicas que falam do coração, da alma. Nessas idas e vindas eles finalmente se perdoam mutuamente. E saem pelo país a fora fazendo shows juntos. Ambos se amavam mais não sabia demonstrar esse sentimento que logo vem aflorar.



Foto 2. Fonte: InternetLuiz Gonzaga e seu filho Gonzaguinha

Em 1954 tem o auge de sua popularidade, com o baião que faz com que o todo o Brasil e percebesse e adotasse sua música nordestina, e conseqüentemente, a cultura nordestina, ainda que marcada pelo estigma da diferença social.

Com a ascensão da música bossa nova , na década de 60, Luiz se afasta dos grandes centros, mais continua a se apresentar no interior. Assim como acontece com outros ritmos o baião perde seu fôlego com o avanço da bossa e depois da jovem guarda. Não foi um momento bom, as emissoras de rádio das capitais e das grandes cidades brasileiras deixaram de tocar suas músicas. Até nas grandes cidades nordestinas, suas músicas eram tocadas em programas regionais que visavam à audiência do homem do campo.

Na década de 70, Luiz Gonzaga volta ao destaque devido aos vários artistas que regravam suas músicas. Nos anos 80 ele viaja todo Brasil e chega a receber prêmios. Enfim, os modismos e os novos ritmos desviaram atenção do público, contudo Lua como era chamado não perdeu seu prestígio e reconhecimento. Neste fragmento abaixo veremos o que disse Luiz Gonzaga antes de falecer.

“Alguns meses antes, na última apresentação que ele fez na vida, no dia 06 de junho de 1989, no Teatro Guararapes do Centro de Convenções do Recife, Luiz Gonzaga proferiu as seguintes palavras: Quero ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão; que cantou as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os convardes, o amor. Este sanfoneiro viveu feliz por ver o seu nome reconhecido por outros poetas, como Gonzaguinha, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Alceu Valença. Quero ser lembrado como o sanfoneiro que cantou muito o seu povo, que foi honesto, que criou seus filhos, que amou a vida, deixando um exemplo de trabalho, de paz e amor. Gostaria que lembrassem que sou filho de Januário e dona Santana. (...) Muito obrigado.” (MOTA, 2007).

E no dia 2 de agosto de 1989 veio a falecer vítima de uma parada cardiorrespiratória no Hospital Santa Joana em Recife. Seu corpo foi velado em Juazeiro do Norte (o que não agradou Gonzaguinha), e posteriormente foi sepultado em sua terra natal.

Luiz Gonzaga Nascimento foi um cantor e compositor brasileiro que certamente teve sua importância entre os cantores brasileiros do século XX. Ainda hoje consegue atrair multidões que o admiram e o veem como um dos grandes nomes da música popular.

Em seu centenário ele é homenageado em várias partes do Brasil. Foi tema do carnaval de Unidos da Tijuca, e com o enredo “O dia em que toda realeza desembarcou

na avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão”, fazendo com que a escola ganhasse o carnaval desse respectivo ano.



Foto 3. Fonte: InternetLuiz Gonzaga o “Rei do Baião”

Na cidade de Campina Grande que realiza o “Maior do Mundo”, dentro do parque do povo, fizeram uma réplica da casa de Luiz Gonzaga, mostrando como era sua vida antes e depois da fama, espaço esse visitado. Próximo às margens do Açude Velho tem sua estátua de bronze junto a Jackson do Pandeiro.

Capítulo 2:

A ERA DO RÁDIO E AS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA

2.1 A consolidação do rádio na década de 40

A era do rádio estava em alta na década de 40, bem como sobre a tutela do Estado, logo as músicas deveriam divulgar a construção de uma nação civilizada. A rádio vai ser um veículo de comunicação que vai trazer as notícias propagandas, de que nas cidades urbanas (Rio de Janeiro e São Paulo), estão vivendo um grande processo industrial, logo precisando de mão-de-obra, o que vai chamar atenção dos nordestinos, diga-se de passagem que vivem em situações precárias, e precisam de trabalho, nesse sentido o crescimento da migração é visível, O que vai ser motivo de satisfação para o discurso nacionalista.

As músicas consideradas regionais serão incentivadas pelo Estado. Com isso Gonzaga é promovido nacionalmente por cantar e falar de sua região. Segundo Napolitano (2005), “O baião e outros gêneros “regionais” (embolada, coco, moda-de-violão) também foram ganhando espaço no rádio, tornando-se referência para além de suas regiões de origem”.

Pensar no rádio é pensar não apenas no objeto, mais o quanto esse vai influenciar, e fazer parte da vida cotidiana de muitos brasileiros que pegavam seu radinho de pilha, e ouviam as informações, bem como as músicas de Gonzaga que vai mexer com as subjetividades, os sentimentos dos nordestinos, fazendo-os sair de seus lugares e permitindo que eles façam uma viagem de volta ao passado. Para Albuquerque Júnior (2007), “Luiz Gonzaga assume sua identidade de um artista regional e cria uma indumentária típica vestindo-se com roupa de vaqueiro e chapéu de cangaceiro”. Com isso Gonzaga reforça a identidade regional nordestina através dos seus versos, em um momento de intenso nacionalismo.



Foto 4. Fonte: InternetGonzaga na Rádio Nacional

Na concepção de Napolitano (2005), “Nesse período, era o auge da participação desta nova audiência popular, que parecia dominar o cenário brasileiro. Em contrapartida, nos anos 30 as letras tinham ironia e o humor que marcou essa época, e seu público era mais elitizado”.

A música de Gonzaga será direcionada ao público nordestino, em especial ao migrante, que se vê sozinho e distante de sua terra, fará um retorno a esse espaço saudoso, através dos versos, feitos por Lua, assim chamado.

Sua música vai reforçar a ideia de um povo pobre, mostrando as condições sociais que o migrante enfrenta nas grandes cidades, o preconceito por serem nordestinos. Identificados como mal vestidos, sem instrução, matutos, que possuem um sotaque carregado, arrastado e que são violentos. Nas suas músicas a linguagem adotada, será a do sertanejo, que fala errado, estas imagens estarão bem presentes em sua obra. O que vai repercutir para outras regiões que passam a nos ver assim, como sendo pessoas que não possuem nenhuma formação. E por fim, Gonzaga faz parte de uma geração de artistas da chamada Música Popular Brasileira.

É justamente na década de 40 que a rádio se consolida tornando-se um dos veículos de comunicação mais influente, e é nesse momento que a música de Gonzaga se nacionalizou, e faz com que o Nordeste seja conhecido. A partir disso ele será considerado o criador da “música nordestina”, notadamente do baião. Segundo Durval (2005), “O baião será a “música do nordeste” por ser a primeira que fala e canta em nome dessa região”.

Nesse contexto o Estado irá se apropriar da música para divulgar seus projetos, que seria construir uma identidade nacional para o povo brasileiro. Essa estratégia passa a valorizar a música popular brasileira em detrimento da estrangeira. Em plena II Guerra Mundial, Gonzaga começa a se tornar conhecido através de seus trabalhos nas rádios do país. E ganha o título de “Rei do Baião”. Num período em que esse gênero musical vive sua fase de ouro no Brasil.

Nessa ocasião formou parceria com Humberto Teixeira que era advogado Cearense, a primeira música foi “Meu Pé de Serra”. A intenção seria valorizar, estilizar e o urbanizar o ritmo nordestino, onde o xote e o baião tinham prioridades. Contudo, o grande sucesso viria com “Asa Branca” lançada em 1947.



Foto 5. Fonte: Internet Luiz Gonzaga em 1947

A década de 40 vai traçar um resgate histórico da rádio mostrando as influências política, cultural, econômica, social e artística que esse instrumento trouxe para o Brasil neste período. Nesse aspecto a rádio foi um meio pelo qual se alterou hábitos, costumes e comportamentos das pessoas diminuindo as distâncias entre as mesmas. De forma que a rádio passou a fazer parte do cotidiano das pessoas de um modo geral tornando-se um companheiro de todas as horas, bem como um importante veículo de informação e entretenimento.



Foto 6. Fonte: Internet. O rádio e o cotidiano das pessoas

O rádio significou garantido papel de destaque para a sociedade brasileira, as empresas investiram pesado na rádio, em uma época que não havia outra mídia tão poderosa. Nesse sentido, aparecem os programas de música popular, que lançam ídolos a exemplo de Luiz Gonzaga com o forró “Vira e Mexe” na Rádio Nacional no programa de auditório que contam com a participação do público. Nos anos 40 os artistas lutavam pelo prestígio, que lhes traria uma carreira estável e duradoura com rendimentos modestos, mas frequentes. Neste momento surge Luiz Gonzaga que ficou reconhecido nacionalmente como o “rei do baião”, tornando a sua música e o povo nordestino popularmente conhecidos.



Foto 7. Fonte: InternetO modelo de rádio dos anos 40

Gonzaga segue sua vida artística cantando acompanhado de sua sanfona, zabumba e triângulo, levou sua música para o resto do país, numa época em que a maioria desconhecia o baião, o xote e o xaxado. Sabendo que a rádio era o melhor vínculo de divulgação musical.

A música de Gonzaga representa o Nordeste, que vai sendo construído, e assim sua música vai ganhando popularidade nacional. E o Nordeste agora, passa a estar presente na memória daqueles que ainda vivem nesse espaço excluído em relação à musicalidade regional.

Capítulo 3:

O CONSEITO DE REGIÃO E DE IDENTIDADE NA MÚSICA DE LUIZ GONZAGA

Não poderíamos iniciar uma discussão sobre a representação da identidade nordestina, sem construirmos no primeiro momento um conceito de região partindo do pressuposto que passou por momentos de ressignificações como também por uma crise em relação ao paradigma atual que concebe a ideia de região. Neste sentido apresentaremos alguns pontos de vistas que contribuem para o entendimento do tema considerando complexo. Portanto falar sobre região exige uma discussão teórica tendo em vista que o conceito não é dado, mas construído.

Região é um tema bastante complexo, e que vem ao longo do tempo, gerando diversificadas opiniões a respeito do mesmo. Embora não se tenha uma definição concreta e definitiva do que venha ser de fato região, visto a dimensão e a pluralidade desse conceito. Para tanto tomaremos como base para discutir região autores como: Sandra Lencioni, Bourdieu e Jorge Siqueira.

Nossa proposta tem o intuito de analisar como cada escritor trabalha, argumenta, constrói e até da significado em torno dessa palavra região, partindo sempre de uma intencionalidade e escrevendo de acordo com a sua época.

Nesse sentido, é preciso entender que são várias abordagens que nos permite pensar a região em diferentes contextos. Entre eles destacaremos a geografa brasileira Sandra Lencioni que é professora titular da Universidade de São Paulo, na qual também fez doutorado, e no ano de 1999, pós-doutorado pela Universidade de Paris.

Sua área de pesquisa é a geografia regional com ênfase na teoria da região, atuando no desenvolvimento dos temas: MetrÓpole, Indústria e São Paulo. Lencioni inicia seu texto: **Região e Geografia. A Noção de Região no Pensamento Geográfico**. Discutindo as dificuldades que a geografia encontra para conceituar região. Segundo a autora, “A palavra região torna os geógrafos prisioneiros de uma palavra complexa, pois tem sentidos variados”. (LENCIONI,1999). Uma vez, que essa ciência quis tomar para si esse conceito. Nesse aspecto, ela analisa região a partir das características físicas, ou seja, através do espaço, bem como das ocorrências dos fenômenos naturais.. “As diferenciações das áreas são vistas pela inter-relação de fenômenos físicos e naturais e a geografia toma sentido e mantém sua unidade por meio do estudo cronológico”. (LENCIONI, 1999).

“Outro fator, que autora destaca é com relação ao positivismo, o qual ela recusa e não tem aproximação”. “As críticas à influência do positivismo lógico na geografia se avolumaram e a busca de novos caminhos significou o desenvolvimento de outras correntes de pensamento geográfico”. (LENCIONI, 1999).

A autora encontra um amparo no marxismo que está associado às lutas de classes, e a exploração do capitalismo de uma região em detrimento da outra. A partir disto irá se valer da matemática, é a questão dos cálculos e valores, pois esse traz algo de exato.

“Por intermédio das modelos matemáticos aplicados à geografia buscou-se encontrar uma ordem real, uma lógica na organização do espaço. A região se tornou um instrumento técnico-operacional, a partir do qual se procurou organizar o espaço”. (LENCIONI, 1999, p. 191).

E por fim, ela não reconhece a visão histórica, de tal forma, que elimina essa ideia. “Essa geografia de posição anti-historicista significou, a abolição de toda ideia de processo, de gênese e de origem e a desconsideração dos marcos sociais em que se desenvolvem os fenômenos”. (LENCIONI, 1999). Sandra acaba reduzindo a região a um conceito de sub-espaço. De maneira, que tanto o aspecto físico e o clima definirá o que venha ser região. Além da autora acima traremos a contribuição de Pierre Bourdieu para o conceito de região.

Bourdieu é um importante sociólogo francês que dialoga com Marx Weber e que trabalha com o conceito de classe de Karl Marx. Ele se posicionou contra a globalização e liberalismo. Pierre compreende o mundo social a partir de três conceitos fundamentais: Campos, hábito e capital.

Bourdieu pensará região a partir da divisão e da luta de forças entre os sujeitos de um determinado espaço, visto por ele como sendo um lugar de representação. “Só se pode compreender esta forma particular de luta das classificações que é a luta pela definição de identidade regional ou étnica”. (BOURDIEU, 2006).

Bourdieu percebe região através do processo histórico. Como também reconhece as diferenças existentes dentro das regiões, desse modo, ele entende região através das representações mentais, ou seja, é se afirmar enquanto região. Transcreveremos abaixo para entendermos qual é a sua posição sobre região.

“Mas profundamente não se deve esquecer que na prática social, esses critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque), são objetos de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses”. (BOURDIEU, 2006, pg. 112).

O autor nos fala ainda, das representações objetivas que estão relacionadas às coisas (emblemas, bandeiras, hinos etc.). É justamente o grupo que faz com que a região seja conhecida e vista, isso nos remete ao discurso regionalista, que vai ter várias classificações é dizer da saudade, mostrar sempre o passado como sendo o melhor, isso é possível através das comemorações das festas, da dança, do teatro, das imagens na mídia entre outros, de um determinado lugar, que vai fomentar essa ideia

de identidade através das lutas de forças como bem discutiu Bourdieu. . De maneira que o mesmo vai trabalhar dentro da perspectiva do poder simbólico. O que acontece cotidianamente será isso uma construção social, que passa a ser formado a partir das percepções das pessoas, cujo objetivo é compreender os sentimentos que elas têm de pertencerem a uma região.

“O lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como os sotaques são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo”. (BOURDIEU, 2006).

E aí a região vai se apropriar dessas representações para se legitimar enquanto região é sempre pensar região como sendo um jogo de interesse de uma classe. “Relação de forças no campo das lutas pela delimitação legítima”. (BOURDIEU, 2006).

Neste momento refletiremos um pouco sobre o historiador Jorge Siqueira, e sua concepção sobre região Nordeste. Sua formação é em História do Brasil pela USP. É professor de História e ciência política da UFPE e diretor do Instituto de Pesquisa Sociais da Fundação Joaquim Nabuco. Siqueira faz uma contextualização do que estava acontecendo no Brasil no século XIX. Mostrando-nos teoricamente como esses discursos vão sendo construídos e institucionalizados.

A região Nordeste em declínio no finalzinho do século XIX surge com um discurso que será pronunciado a partir de um espaço o Sudeste cafeeiro, que passa agora liderar a economia do país. O autor também destaca a consolidação do capitalismo, ou seja, a ideia é legitimar e tornar conhecido à região. Mediante as transformações dessas estruturas de ordem econômica, política, social e cultural começam a se construir os discursos que Jorge denominará de: discursos fundantes.

A construção do discurso regionalista surge como sendo uma reação à decadência do Nordeste com a crise do açúcar, as elites regionais passam a defender os seus interesses. De maneira que promove um discurso homogeneizante argumentando a crise associada à seca. Esse discurso mostrará as desigualdades regionais como também

a perda de prestígio do Nordeste em relação ao Sudeste. E o descaso do governo em favorecer o “Sul” e esquecer o “Norte”. Conforme se lê no Diário de Pernambuco.

“É com poucas vezes sucede que as Províncias do Norte sejam representantes no gabinete por algum filho seu, os seus interesses, por mais que eles importem á prosperidade geral, raras vezes são atendidos devidamente. Ao passo que as Províncias do Sul são largamente dotadas de toda a sorte de melhoramentos, as do Norte só por um favor especial recebem de tempos em tempos um escasso subsídio que por minguido deixa muitas vezes de lhes aproveitar”. (SIQUEIRA, 2000).

Siqueira percebe nação e região como sendo construções que vão ganhando forma a partir dos discursos. A grande sacada dele é entender como esses espaços tentam legitimar e institucionalizar tanto a ideia de nação como de região para a sociedade. Essas ações dizem respeito às relações de poder, dessa forma tanto o discurso nacional representado pelo Sudeste, quanto regional, nesse caso, o Nordeste estão repletos de poderes.

“Verifica-se a necessidade de se discutir as nacionalidades próprias do que teria sido o processo de institucionalização do que denominamos região com todos os seus desdobramentos na nomenclatura geográfica, sociológica, política, econômica, cultural e principalmente histórica, posto que ela deverá guardar uma estreita relação com o conceito de região”. (SIQUEIRA, 2000).

Nessa citação fica evidente que o autor estuda região como sendo um processo histórico que se dar através dos discursos. Ele descreve sobre a ascendência de um projeto nacional que seria basicamente formar nas pessoas um sentimento de nação que seria protagonizado pela região Sul, se contrapondo ao espaço esquecido que seria a região Nordeste.

Pernambuco é a primeira região do Nordeste que vem com todo um discurso que o Norte é um espaço seco, pobre, miserável, ou seja, é o discurso do melindre, da penúria.

Ele discutiu região através dos jornais e da imprensa, porém ele percebe que apenas a elite é que falam nos jornais, as classes populares não tem vez nesse meio de comunicação, para expor suas indignações. Ele discutiu região através dos jornais e da

imprensa, porém ele percebe que apenas a elite é que fala nos jornais, as classes populares não tem vez nesse meio de comunicação, para expor suas indignações. Enfim, ele compreende região através dos discursos, ou seja, dos discursos fundantes, e das relações de poder, de acordo com as suas palavras abaixo. “Aqui se atrela especialmente o conceito de região às tramas e tessituras do poder, a exercitação da política que permeia as relações de produção e plasma a criação cultural, reiterando relações sociais, com rebatimento na produção de espaço”. (SIQUEIRA, 2000).

Vimos as diferentes interpretações sobre região na visão de Lencioni, Bourdieu e Siqueira, todavia entendemos que esses debates continuaram, bem como as disputas entre as ciências para tentar definir o que seria região, entretanto vimos que não há um conceito pronto e acabado sobre região.

Ao discutir teoricamente as diferentes concepções sobre região. Refletiremos como as músicas de Luiz Gonzaga vai construindo a identidade nordestina. Embora que de forma estereotipada, por outro lado, suas canções serviram para mostrar as condições de vida dessa população. Mas falar sobre identidades é antes de tudo trazermos o pensamento e a discussão que Stuart Hall faz sobre a mesma.

O autor vai pensar identidade a partir da crise existencial do que o ser humano sofre consigo e com o mundo no qual ele vive. Ou seja, na sua visão a identidade não é um conceito pronto e acabado, mas que devemos percebê-la como algo que passa por um processo de mudança.

Segundo analisa Hall (2006), estas transformações identitárias acontecem devido às mudanças estruturais que fragmentam e desconstrói as identidades culturais de classe, de etnia, de raça, de nacionalidade e de gênero. É a partir dessa afirmação que Stuart trabalha, questiona e discutir identidades.

Mostrando como as novas identidades surgem em diferentes momentos da história. Identidades que se modificam, e vão sendo formadas, criadas, pluralizadas e fragmentadas, e com ela e a partir dela o sujeito.

Em sua investigação minuciosa, o autor percebe que essas mudanças são decorrentes da crise de identidade, as quais nos leva por diferentes caminhos. De tal modo que nossas identificações vão sendo deslocadas. Isto significa que o indivíduo

passa por conflitos tanto o que diz respeito ao seu lugar no mundo social quanto de si mesmo, o que constitui uma crise de identidade.

E por fim pensar em identidade é pensar no sentimento de um grupo, de uma cultura ou de um indivíduo. E perceber como estes são afetados pelo sentimento de pertencimento. Vejamos o que diz Hall sobre identidade.

“A identidade surge não tanto da plenitude de que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. (HAAL, 2006, p. 39).

Em se tratando de identidades percebemos como a identidade do nordestino vai ser criada e divulgada através das composições de Luiz Gonzaga, justamente por ser uma das primeiras produções que fala desse migrante nordestino que vive na região Sul e Sudeste do país, e, portanto assumirá esta identidade.

“Enquanto a identidade paulista vai ser construída a partir do deslumbramento com a sociedade burguesa, com o moderno, com o urbano com o tecnológico, a identidade nordestina vai ser construída a partir da nação conservadora à sociedade capitalista que está se implantando no país, em detrimento das elites tradicionais do espaço que estava se tornando o Nordeste. Quando parte da produção cultural que vai se nomear nordestina será marcada por uma indisfarçável saudade da sociedade escravista, do império e da vida rural. Isto é fundamental para entendermos porque hoje sofremos preconceito ao sermos vistos como pessoas atrasadas, incapazes de acompanhar a vida moderna na grande cidade; imagem que será reforçada quando nos anos 40, intensifica-se a migração de nordestinos para as grandes metrópoles do Sul, em busca de vagas abertas na indústria em expansão”. (JÚNIOR, Albuquerque, 2007, p. 102).

Gonzaga canta o baião, e é nesse momento que sua música faz com que o Nordeste seja conhecido. Segundo Durval (2007), “O baião será a “música do Nordeste” por ser a primeira que fala e canta em nome dessa região”.

Luiz Gonzaga será nacionalmente reconhecido como representante da identidade nordestina, não apenas por sua música, mas também pela maneira de vestir-se. O mesmo vai se apropriar das características não só da região nordestina representada através da aridez, do aspecto rústico do sertão nordestino, da flora típica de cactos que compõe o cenário de vida do sertão, como também do cotidiano do homem sertanejo

nordestino exemplificando a indumentária do vaqueiro; a qual foi criada para usar no trabalho, e assim protege-lo do sol, dos espinhos e dos galhos das árvores. Esta roupa é tipicamente representada através de um chapéu de couro e gibão. Para trazer à memória as dificuldades do homem do sertão nordestino, o que vai reforçar o seu lugar de pertencimento, e dessa maneira o sertão nordestino vai sendo concebido e construído.

“O representante da identidade musical nordestina, tanto que irá também inventar uma roupa que representaria esta nordestinidade, ao usar a indumentária normalmente usada pelo vaqueiro e um chapéu de cangaceiro, além da sandália de couro de conhecida, como sandália de rabicho”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 120).

Vejamos uma imagem de Luiz Gonzaga representando o Nordeste através da indumentária de vaqueiro caracterizado o sertão nordestino. Como podemos constatar, provavelmente é uma foto tirada no auge da sua carreira, até mesmo pelo seu aspecto jovem, mostrando um sorriso largo no rosto como sinal de que tudo na sua carreira estava indo bem, e no momento de pleno destaque nacional em que a música nordestina ganha notoriedade no Brasil, dessa forma o Nordeste passa a ser conhecido e construído.



Foto 8. Gonzaga e sua indumentária típica do sertanejo

Fonte: Internet

Em suas canções Luiz Gonzaga descreve o Nordeste enquanto espaço geográfico, atrelando a imagem desse homem nordestino ao paisagismo regional.

“A identidade nordestina associavam-na diretamente ao meio em que vivia. O nordestino seria produto da natureza hostil que o cercava, seria um telúrico, figurando em seu corpo e mente a paisagem desolada e rural em que tinha que viver. Era quase um homem, cacto, um homem-caatinga, por isso mesmo um ser seco, espinhento, agressivo, inóspito, hostil, pouco acolhedor, sofrido, torturado, de natureza imprevisível. Esta visão de que o nordestino é um homem próximo à natureza, também o estigmatizou como sendo um homem incapaz de conviver com o fenômeno urbano”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.115).

A seca do Nordeste é retratada em seus versos poéticos. Do ponto de vista de Durval, (2007), “O Nordeste nasce, portanto associado à ocorrência do fenômeno das secas”. A seca tornou-se um assunto nacionalmente visível e dizível a qual vai marcar a formação da identidade nordestina.

“Um dos primeiros episódios que marcarão a emergência desta identidade regional em formação será a chamada grande seca (1877-1879). Este fenômeno que, do ponto de vista estritamente climático ou natural, nada teve de diferente de episódios anteriores, já que as estiagens era um fenômeno do qual se tinha relatos desde o período colonial, terá repercussões políticas e será objeto de uma mobilização por parte das elites desse espaço, como nunca antes ocorrerá. Enquanto a seca matava apenas animais, escravos e homens pobres, ela nunca havia sido considerada um grande problema, nunca havia despertado atenção, seja nos discursos parlamentares, seja nos documentos oficiais, seja na imprensa. Mas esta seca ocorre num momento de crise econômica e de declínio político dos grupos dominantes desta área do país. Ela pela primeira vez, atinge com intensidade setores médios dos proprietários de terra, com a falência de alguns, a morte ou a necessidade de migração para outros. A própria existência de imprensa mais organizada e com capacidade de repercutir o fenômeno em nível nacional, algo que não ocorreu em secas anteriores, dá uma repercussão a esta seca como não fora dada a nenhuma outra anterior, por isso esta se tornou a grande seca, marco em qualquer história das secas que seja elaborada na ou sobre a região”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 91-92).

A seca fará parte dos romances escritos pelos literários que serão responsáveis pelas imagens e falas do homem nordestino.

“A seca tornará este fenômeno um tema privilegiado da literatura realista ou naturalista produzida pelos letrados pertencentes à chamada geração de 1870, notadamente na província do Ceará, considerada, neste momento, o espaço por excelência da ocorrência deste fenômeno, vão ser responsáveis pela elaboração de imagens e falas em torno do homem do Norte, notadamente deste homem vitimado pela seca”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 93).

Todas essas nomenclaturas transcritas na citação abaixo serão atribuídas ao espaço regional que foram criadas no momento em que não havia a concepção de Nordeste. Havia um conceito de região Norte homogêneo, na qual os estados que hoje compõem o Nordeste estavam inseridos dentro desse conceito de que o nortista é brejeiro, caipira, praieiro, sertanejo dentre outros termos pejorativos, denotando uma ideia preconceituosa que transparece em relação ao Nordeste.

“O nortista, o praieiro, e o sertanejo”. Todas essas figuras têm alguns traços em comum, que marcarão o próprio nordestino e serão uma das causas da forma estereotipada e preconceituosa como esse tipo regional é visto e tratado, no Brasil, até hoje. Todas remetem o nordestino por ser elemento de uma sociedade rural, atrasada, pobre, rústica, de relações sociais violentas e discricionárias”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 113).

Além dos aspectos culturais visibilizados na música de Luiz Gonzaga outros aspectos passam a fazer parte do ideário regional nordestino como a crença na religiosidade a qual fará parte do seu repertório fomentando ainda mais a identidade nordestina.

“O nordestino passa a ser marcado pela figura do beato ou da beata, homens e mulheres à beira da insânia em suas crenças, cheias de superstições e credices que tornavam desordenadamente, elementos religiosos de matrizes culturais diversas, sincretizando crenças católicas, com crenças animistas ou fetichistas de origem africana ou indígena”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 112).

A mulher nordestina será estigmatizada e masculinizada em suas composições, Luiz Gonzaga não canta apenas a partir de um cenário e da identidade do homem nordestino, ele chama atenção para o papel nas letras da música a mulher quando a mesma desempenha a função do homem, uma vez que é comparada em suas características e potencialidades do homem do sertão nordestino. Precisamos ainda chamar a atenção nessa narrativa que será lida dentro de um contexto de época. Quando os papéis do homem eram delimitados.

“A mulher nordestina das camadas populares, que muitas vezes tem que assumir as atividades que eram realizadas por seus maridos, obrigados a migrar sazonalmente em busca de trabalho, também aparecerá masculinizada. As nordestinas passam a ser vistas como mulheres pouco atrativas, muito trabalhadoras e seguidoras de valores morais bastante rígidos, por isso

mesmo, sendo boas mulheres para o casamento, mas nunca para o romance ou a aventura”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 114).

No que diz respeito a uma leitura sobre o Nordeste e o seu povo os discursos regionalistas além de minimizarem, na maioria das vezes constrói uma representação carregada de estereótipos que negativizam o ser nordestino, principalmente em relação a aparência do mesmo, aspecto destacado por Durval Muniz.

“Corpo supostamente disforme, corpo flagelado, corpo feio, quenão segue os padrões de beleza predominantes, elaborado por muitas narrativas feitas na própria região. O nordestino, normalmente, é visto como sendo de baixa estatura, de cabeça grande trazendo no corpo os estigmas de origem rural, as marcas deixadas por suas duas atividades de trabalho, corpo pouco higiênico”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 115).

3.1 O preconceito regional nordestino vinculada na música “A Triste Partida”

Não temos como analisar a música “A Triste Partida” sem antes trabalhar a ideia de Nordeste e de ser nordestino, e a forma como este espaço ainda hoje vai sendo vitimado pelo preconceito, especialmente nas regiões Sul e Sudeste do país. Para tanto devemos entender como esses discursos foram construídos.

É a partir do discurso regionalista que a designação Nordeste surge, pronunciado pelas elites políticas desse espaço, como também por diversos intelectuais que através de suas produções tornam a região conhecida.

“Políticos, jornalistas, escritores, poetas, pintores, historiadores, sociólogos, folcloristas, vão articular toda uma produção cultural em torno desta ideia de Nordeste, tornando este espaço visível e dizível, tornando designação um conceito em torno do qual se articulam demandas econômicas e políticas e se elabora conjunto de narrativas e de símbolos que o vão definir. Grande parte desta produção discursiva foi feita por representantes das elites políticas e intelectuais ligadas às atividades agrárias em declínio econômico e que vão pensar a região a partir da ideia do declínio e da decadência”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 100).

A ideia de Nordeste vai ser criada a partir do descontentamento da elite açucareira e algodoeira que veem seu prestígio econômico esfacelado, enquanto o Sudeste desenvolve e cresce com a produção de café. Essas diferenças regionais se intensificam, de maneira que as outras regiões passam a enxergar o Nordeste como um lugar atrasado, pobre e subdesenvolvido, e que as pessoas que moram nesse espaço são atrasadas. Todavia se faz necessário entendermos esses processos históricos antes de discutirmos a questão do preconceito contra os nordestinos, e trazendo a definição sobre o mesmo, segundo o dicionário Aurélio.

Pré-conceito é “juízo” preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude “discriminatória” perante as pessoas, lugares ou tradições consideradas diferentes ou “estranhas”. Costuma indicar desconhecimento pejorativo de alguém, ou de um grupo social, ao que lhe é diferente. As formas mais comuns de preconceito são: Social, “racial” e “sexual”.

Os preconceitos contra os nordestinos continuam quando ainda são vistos e tratados com discriminação, e de forma preconceituosa associando a uma imagem de flagelado ou de retirante. Seja ela explícita ou não, algumas falas e imagens podem externar preconceitos que muitas vezes são considerados naturais por quem os profere. Vejamos o pensamento de Durval Muniz.

“Estes tipos que seriam regionais, como o retirante, o flagelado e o cangaceiro, são fundamentais para entendermos a forma como o nordestino, que mais tarde irá incorporar e encarar esses tipos, se vê e se diz e é visto e dito pelos habitantes de outras áreas do país. O nordestino sofrerá muitos dos preconceitos de que é vítima por estar associado a estas imagens e a estes tipos: o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 94).

Um fator que contribuirá para reforçar o preconceito regional nordestino será os discursos da seca o qual tornará esse espaço conhecido nacionalmente, como sendo a região problema. Mostrado nesse fragmento.

“O discurso produzido por suas próprias elites, que comumente se colocam no lugar de vítimas do processo de desenvolvimento nacional, como se dele não tivessem participado e sido agentes, bem como se comparam em repetir

o discurso da lamúria e do coitadinho, se colocando como vítimas de um colonialismo interno, capitaneado pelos estados do Sul”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.96).

O discurso regional irá se apropriar da seca e dos problemas existentes no Nordeste, para reivindicar recursos junto ao governo federal, o que marcará fortemente e negativamente este espaço, outra forma de preconceito, segundo Durval, “O nordestino é apresentado como aquele que vive às custas dos impostos pagos pelos contribuintes das outras regiões do país, sanguessugas dos cofres públicos, que retorno nenhum daria ao país”. (JÚNIOR, Albuquerque, 2007, p. 95).

O preconceito é movido por questões geográficas, ou seja, a forma como a região e os habitantes foram pensados. Como descreve Durval.

“Ser nordestino começa a ser visto e dito como menor, dentro do conserto da economia e da política nacionais, é ter menos oportunidade, é ter menores esperanças, começando a se gestar o complexo de inferioridade que acompanha boa parte da população desta região, acompanhando ao mesmo passo a gestação do complexo de superioridade tão presente entre os sulistas”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.103).

O preconceito contra os nordestinos tem suas raízes no racismo, especificamente porque negros mulatos e índios compõem boa parte desta população nesta região.

“Em São Paulo, o nordestino teve que enfrentar, inclusive, preconceitos de fundo racial, já que muitos imigrantes estrangeiros, assimilando o próprio discurso das elites paulistas, vão se considerar superiores por pretensamente serem brancos, enquanto os nordestinos seriam negros ou mestiços”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 116).

A discriminação com relação aos nordestinos está vinculada a questão econômica e social, quando o Sul era visto como maravilha, e o Nordeste atrasado, sendo assim o Sul surge como a região industrializada na qual o progresso é eminente tornando-se o espaço de migração nordestina de acordo com a opinião de Durval.

“O fato de que a maior parte dos emigrantes nordestinos, não possuíam qualificação profissional, indo ocupar as atividades mais desqualificadas, gestou outro preconceito, que atinge inclusive, os setores médios e intelectualizados da população da região, ou seja, a ideia de que o nordestino

somente é capacitado para realizar trabalhos braçais e não atividades intelectuais”. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.116)

E por fim, podemos exemplificar um tipo de preconceito que seria o linguístico, o qual é visível nas telas de cinema, nas minisséries e nas novelas. Geralmente os personagens nordestinos são marcados por um sotaque carregado e forte, suas características sempre representam um tipo esquisito, ridículo, e normalmente pobre mostrando o preconceito de classe, certamente provoca risada e deboche por parte daqueles que os assistem. Essas produções refletem a forma como os nordestinos são marginalizados e excluídos.

Percebemos como o preconceito ainda é forte nas regiões Sul e Sudeste do país em relação aos nordestinos. Isto é fato e aparecerá nas músicas regionalistas de Gonzaga a qual ajudará a propagar essa ideia de um Nordeste atrasado, incivilizado e que passa constantemente por dificuldades. É dessa maneira que as grandes metrópoles interpretam o Nordeste e o nordestino. Nesse sentido, no primeiro momento trataremos o conceito de música e discutiremos um pouco sobre a mesma, e a partir disso analisaremos a canção de Luiz Gonzaga “A Triste Partida”.

Segundo o dicionário Aurélio Etimologicamente, a palavra música vem do grego (musikétéchne) e significa a arte das musas. A música é resultado da combinação e interação entre sons e silêncio que se entrelaçam.

Uma letra musical é também considerada uma prática cultural tão importante que está presente em diversas sociedades, como forma de expressão cultural, religiosa e de comunicação e até uma forma de arte, nesse sentido, a música é considerada umas das manifestações mais populares, possuindo variações diversas, dentro de vários grupos e mesmo de um único, onde a mesma é vista de forma diferenciada.

A música deve ser entendida como um elemento subjetivo, assim como qualquer outro texto, como na compreensão de Jorge Larrosa que considera. “Todos os elementos presentes no universo como sendo textos a serem lidos e interpretados, sendo inclusive capazes de formar, transformar e (de) formar, o seu leitor”. (LARROSA, 2002). A música toca uma pessoa ou grupo de forma diferenciada, portanto possui um poder de fixação muito grande, pois cada indivíduo vai absolvê-la de sua maneira.

Em se tratando de música especificamente a nordestina a qual será objeto de nossos estudos, na realidade cada pessoa dará a sua interpretação de acordo com as suas subjetividades e particularidades. A música de Gonzaga vai justamente representar o Nordeste para as regiões Sul e Sudeste. Foi o que aconteceu com sua música “A Triste Partida”, o próprio título dessa canção é bem sugestivo porque mostra uma carga de afetividade imensa, saudade da terra, do lugar e da família. É esse Nordeste que parece está na memória daqueles que partiram mais que sonham um dia em voltar são elementos que integram essa melodia.

A música “A Triste Partida” é criada em 1964 no momento em que a música brasileira passa por mudanças com a explosão da Bossa Nova, esse movimento no momento de “corte epistemológico”, como definiu Caetano Veloso.

Nesta época Luiz Gonzaga andava muito triste e achava que deveria encerrar sua carreira, porque suas músicas deixaram de ser tocadas nas rádios. Em passagem por Campina Grande com a qual, mantinha uma relação cordial com seus habitantes. Ouviu uma música sobre lamento sertanejo, pergunta de quem é essa composição, e tomando conhecimento, vai ao Ceará em buscar do autor, a fim de pedir os direitos autorais, que lhe foi concedido por Antônio Gonçalves da Silva, cujo pseudônimo era Patativa do Assaré, que foi um dos representantes da cultura popular nordestina, compositor, improvisador e poeta. Gonzaga inclui esse repertório em seu novo LP, e funcionou foi sucesso garantido, pois, o próprio nordestino se percebe nessa canção. Ele sabia a força que essa letra iria produzir. Mexer com os sentimentos capazes de nos provocar inquietações, conduzindo-nos a ação e com elas as transformações. A partir dessas informações passaremos a analisar algumas estrofes de sua obra musical “A Triste Partida”.

No primeiro verso Gonzaga faz referência à seca do Nordeste, e como essa atinge o povo simples, e sofrido do sertão nordestino. Por estar localizado numa área em que as chuvas ocorrem poucas vezes durante o ano, o que vai gerar dificuldades sociais e econômicas devido à falta de água que prejudicará as plantações e a morte de animais, e conseqüentemente virá à fome e miséria. Os meses logo passam e nada da chuva cair. Luiz relata o cotidiano do povo nordestino ao lidar com o período difícil da seca.

Meu Deus/ Meu Deus/ Setembro passou/ Outubro e novembro

Já tamo em dezembro/ Meu Deus que é de nós/ Meu Deus, meu Deus/

Assim fala o pobre/ Do seco Nordeste/ Com medo da peste

Da fome feroz/ Ai, ai, ai, ai

No segundo verso fala das experiências que remetem a homens e mulheres do Nordeste que elaboram suas previsões de tempo e clima com base nas suas observações, a partir de suas experiências com a natureza. Esses métodos utilizados aconteciam antes e depois do período chuvoso. Conhecimentos esses que seriam transmitidos para toda família. Gonzaga mostra a importância do mês de dezembro que se comemora o nascimento de Cristo para os cristãos, e particularmente o dia 13 que é dedicado a Santa Luzia, nome que significa “Portadora de Luz” e para os fiéis ela representa a “Protetora dos Olhos”, o que vai coincidir com o nascimento de Luiz Gonzaga. Retrata a religiosidade e a esperança que faz parte da vida do homem nordestino que mesmo passando por momentos difíceis a esperança ainda nutre a alma do povo.

A treze do mês/ Ele faz experiência/ Perdeu sua crença

Nas pedras de sal/ Meu Deus, meu Deus/

Mas noutra esperança/ Com gosto se agarra/

Pensando na barra/ Do alegre natal/ Ai, ai, ai, ai

No quarto verso trata da questão do clima da região Nordeste que possui elevadas temperaturas, e a falta de água que o sertanejo compreende como sendo um castigo. A ausência da pluviosidade agravará ainda mais essa terra de seca e solo rochoso. Destacará a religiosidade, a fé e a crença desse povo que estabelece um diálogo com o divino, recorrendo ao sagrado, apelando e invocando sua ajuda que os tire do sofrimento. Homem do campo que sai de madrugada para sua lida, antes mesmo que o sol apareça, mas que confia na ação, e na providência do sobrenatural.

Sem chuva na terra/ Descamba Janeiro

Depois fevereiro/ E o mesmo verão

Meu Deus, meu Deus/ Entonce no nortista

Pensando consigo/ Diz” isso é castigo não chove mais não”

Ai, ai, ai, ai

No sete verso a ênfase dada é com relação a migração desse nordestino que toma uma decisão de seguir com destino para São Paulo. O compositor vai tecendo a música de uma maneira que a migração forçada é mostrada com toda sua extensão apresentando o medo, e a indecisão de sair para uma terra estranha, o que vai reforçar a imposição daquela partida.

Nós vamos a São Paulo/ Que a coisa tá feia

Por terras alheia/ Nós vamos vagar

Meu Deus, meu Deus/ Se o nosso destino

Não for tão mesquinho/ Cá e pro mesmo cantinho

Nós torna a voltar/ Ai, ai, ai, ai

No verso dez fica evidenciada a imagem do retirante nordestino que foge da terra seca, e do sol causticante da caatinga. Do retirante que vende tudo que tem, e joga a família em um pau-de-arara e parte em rumo ao Sul e Sudeste, em busca de emprego, alimento, moradia e acima de tudo de sobrevivência. Só restava a esse nordestino abandonar deixando os laços afetivos, da sua cultura, da sua terra, o que mostra bem uma relação amorosa com sua região, todavia quando ele sai deixa um pouco de si.

O carro já corre/ No topo da serra

Oiando pra terra/ Seu berço seu lar

Meu Deus, meu Deus/ Aquele nortista

Partindo de pena/ De longe acena

Adeus meu lugar/ Ai, ai, ai, ai

Verso dezessete mostra-nos que o nordestino ao ouvir notícias do norte, assim era denominado a região que hoje conhecemos como Nordeste. Sabendo que essa nomenclatura foi uma invenção construída a partir dos discursos na visão de Durval. As lembranças do passado surgem na sua mente, e esse nordestino que é estigmatizado como sendo forte, valente, deixa se levar pelas emoções que agora o afeta através de sua

memória. Essa dor e vazio que enche seu coração, e aperta-lhe o peito e chora. Por se sentir condenado a deixar seu pedaço de chão, e por fim retrata um nordestino infeliz, deslocado e saudoso.

Esta canção compõe três elementos essenciais: Terra, família e trabalho os quais foram bastante abordados nas músicas de Luiz Gonzaga. Essa composição descreve e define o Nordeste como sendo pobre e seco. E ainda mostram a supressão de sons o que fica claro que Gonzaga utilizou-se da linguagem do povo para melhor poder-lhes falar, embora tenha que assumir a linguagem estigmatizada do nordestino. E pra finalizar os versos foram escritos e publicados assim mesmo como transcrevemos ao analisar a música “A Triste Partida”.

3. 2 A representação do Nordeste como espaço da saudade na música “Asa Branca”

Nas músicas cantadas por Luiz Gonzaga vimos com o mesmo, irá se apropriar das imagens, especificamente, do Nordeste, mostrando como essa região será representada através da figura do retirante nordestino que deixa toda uma vida consolidada, e parte em direção as grandes metrópoles, todavia ao chegar nesses espaços, “estranhos” sentem-se deslocado e perdido, logo será afetado pela saudade através das suas memórias e lembranças, passando a nutrir a esperança que um dia retornará a este espaço saudoso do sertão nordestino. Esses sentimentos servirão de inspiração para Gonzaga compor a música “Asa Branca” a qual representará o Nordeste como espaço da saudade. Vejamos a definição de saudade segundo o dicionário Aurélio.

Saudade lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distante ou extinta. Pesar pela ausência de alguém que nos é querido, saudosismo gosto do passado, com tendência para superestimar.

Nesse sentido, traremos o conceito de representação de Chartier que “Compreende as classificações e as exclusões sociais e conceituais próprias de um tempo, ou de um espaço produzidos pelas práticas políticas, sociais e discursivas”. (CHARTIER, 1990). Para este autor as representações se modulam a partir das

estratégias que determina o modo como o texto ou uma imagem é “apropriado” pelos leitores. As formas de “apropriação” segundo Chartier (1990, p. 26), tem por objetivo uma história social das interpretações, remetendo determinações fundamentais. Ou seja, nesse caso, poderemos pensar apropriação como sendo a forma como os indivíduos dão sentido ao que veem e leem.

Uma vez que dependerá da maneira como cada pessoa analisa, interpreta e constrói suas visões de mundo. Sempre partindo de suas subjetividades, bem como a forma de perceber as práticas sociais dentro do conceito de representação trabalhado por Roger Chartier.

Partindo desse pressuposto perceberemos como Luiz Gonzaga se apropria das imagens do Nordeste e do nordestino em suas composições. Por essa razão analisaremos através da música “Asa Branca” como essas memórias saudosas foram lembradas, e cantadas pelo mesmo através de sua vivência no sertão no nordestino.

No lugar do sertão, Gonzaga buscará através de sua memória, traçar um resgate do seu saudoso passado sertanejo, isto será visível através de suas lembranças, em forma de versos, especialmente nessa canção, que certamente, marcou sua história de vida neste espaço da saudade.

Ele olhava o Nordeste com um olhar saudoso, poético, ou seja, é uma olhar de quem estava fora, olhando para dentro, Gonzaga reinterpreta o passado e vislumbra o sertão nordestino, mostrando como esse espaço da saudade estar vivo e presente na memória do migrante nordestino. Nesse caso, o compositor retrata a sua forma musical de se pensar e de ver o Nordeste. Este passado passa a ser percebido, não a partir das rupturas ou mudanças ocorridas nessa região, mas ao contrário, uma vez que Luiz Gonzaga privilegiará a continuidade deste nostálgico passado sertanejo em “Asa Branca”.

Gonzaga procurou entender o outro a partir de suas subjetividades, afetividades, algo muito forte nessa melodia “Asa Branca”, o que demonstra que o mesmo trabalhou em suas canções com o particular, o específico, sempre cantando e falando do Nordeste, de forma, que o cantor faz um retrato das pessoas que constituem o sertão nordestino em suas composições.

Em “Asa Branca” o cantor nos convida a fazer uma viagem a todas as suas recordações sobre o seu passado saudoso através de sua poesia musical, nesse sentido Gonzaga nos proporciona através de seus versos fazer um retorno ao passado, o compositor fala e canta com propriedade e sensibilidade em relação ao sertão nordestino. No dizer de Halbwachs (2006) sobre memória. “As lembranças surgem a partir da convivência em grupo, logo vai sendo reconstruídos através do passado, tendo como referência as informações ou dados do passado”. Maurice Halbwachs com essa afirmação está querendo explicar que a memória individual existir a partir de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). É sempre pensar que a memória se apoia no passado, e será lembrada a partir das experiências de vida de cada pessoa.

Essa memória saudosa do espaço nordestino é construída partir das experiências, ou seja, foi isso que Luiz Gonzaga enfatizou na sua obra musical “Asa Branca” através de suas saudosas memórias e como era seu cotidiano no sertão nordestino. Todos esses elementos estão inseridos e compõe a melodia “Asa Branca” através de suas memoráveis lembranças. E por fim, essa música fez com que os nordestinos se percebessem e se reconhecessem melhor.

A seca surge no discurso de Gonzaga como sendo um problema para esse espaço, o Nordeste. Ele compõe “Asa Branca” em 1947 e parceria com Humberto Teixeira, para chamar atenção desse fato, mais tarde haverá uma continuação dessa música, intitulada “A volta de Asa Branca”, que vai mostrar justamente o retorno do retirante, e de sua nova vida no Nordeste. “Asa Branca” torna-se uma referência nacional, por contar a história do povo sofrido do Nordeste.

No primeiro verso Gonzaga vai falar da terra seca, do solo, e para isso fará uso da linguagem comparativa, ou seja, ele compara o calor do sertão com a fogueira do São João, com suas brasas quentes, a partir disso começa a questionar Deus, onde está o sagrado que não ajuda o povo do sertão? E aí ele vai abordar a religiosidade, e chamar atenção para crença e fé do homem do campo.

Quando oiei a terra ardendo/ Qual a fogueira de São João

Eu perguntei a Deus do céu, aí/ Por que tamanha judiação.

No segundo verso Luiz Gonzaga descreve o clima semiárido e o baixo índice de pluviosidade, são características próprias da região Nordeste. Essa situação faz com que

nenhuma planta floresça, cresça e se desenvolva, é a falta de chuva que faz com que o gado morra para isso ele faz referência a alazão, o que nos passa a ideia de que seria um animal estimado e querido.

Que braseio que fornaia/ Nem um pé de prantação

Por farta d' água perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão.

No terceiro verso a música fala da seca do Nordeste que obriga o povo a migrar, assim como as aves. A migração nesse momento era feita exclusivamente por homens, que deixavam sua cidade, sua região e família, e saiam em busca de sustento. Já que o homem nesse período era provedor, enquanto que para a mulher lhe cabia cuidar da casa e dos filhos. Esses retirantes como eram denominados partiam deixando tristeza, mais com a certeza que deixava seu coração com a mulher amada. No entanto era apenas uma questão de tempo, logo que pudesse voltaria para reencontrá-la. Esta canção fala do sentimento de pertencimento a um determinado espaço, nesse caso, o Nordeste como também mostra a afetividade a essa região.

Inté mesmo a asa branca/ Bateu asas do sertão

Intonce' eu disse a deus Rosinha/ Guarda contigo meu coração.

No quarto verso ele fala da distância, e é justamente essa que o separa das pessoas amadas e do saudoso espaço nordestino, e aí faz com que ele sinta solidão, ou seja, é uma sensação de desamparo, Como se fossemos uma ilha isolado de tudo, e de todos. Mas que apesar de todo esse sofrimento tem esperança que as coisas melhorem, e esse migrante possa finalmente voltar ao espaço da saudade.

Hoje longe muitas légua/ Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo/ Pra mim vortar viu pro meu sertão.

No quinto verso ele faz uma comparação entre os olhos da amada e da terra, que assim como ela chorou com a partida do amado, derramando lágrimas, do mesmo jeito aconteça e venha a chuva pro sertão. E aí ele voltaria, fica o sonho que estava saindo, mais que isso seria temporário, em breve ele novamente estaria nos braços da mulher amada e do seu amado e saudoso sertão. E outro destaque que traria é com relação à linguagem regional bem marcante e determinante nessa canção “Asa Branca”.

Quando os verdes dos teus óio/ Se espanhar na prantação

Eu te asseguro não chora não, viu/ Que eu vortarei, viu/ Meu coração.

Vimos às músicas de Luiz Gonzaga influenciou, e ainda influencia gerações. Porque a música toca nossas afetividades e pode nos tirar de nossos lugares, da mesmice, e nos despertar, levando-nos a fazer uma viagem ao passado, o qual nos traz saudosas lembranças que são possíveis de acontecer. Porém, da mesma forma e com a mesma intensidade? Todavia quem pode nos garantir que não? Fica aí a indagação na mente do leitor. E para finalizar, as músicas de Luiz Gonzaga irão constantemente falar do homem nordestino como sendo um viajante. Mas que sempre viu essa região como sendo o espaço da saudade.

Considerações Finais

Neste trabalho tratamos sobre a representação do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga, especificamente “A Triste Partida e “Asa Branca”, contextualizando-as, uma vez, que o mesmo tinha uma visão do popular e era tradicionalista, de forma que Gonzaga escreveu essas canções de acordo com o seu tempo. A sua música vai retratar um Nordeste estático, monótono. Entretanto, vimos que o Nordeste passou por processos históricos, bem como por mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais.

Esta pesquisa é importante porque nos ajudou a conhecermos com mais profundidade o Nordeste, através do olhar de Gonzaga, o qual faz uma releitura desse espaço, retratando-o de forma lúdica e apaixonante. De maneira, que o Nordeste visto, e sentido por ele se constitui como espaço da saudade; saudade da família, das brincadeiras e do convívio com as pessoas. Nordeste das tradições e de homens simples e tementes a Deus, percebemos o quanto o sertão nordestino se consolida como memória viva nas canções de Luiz Gonzaga.

Ao analisarmos as letras das canções produzidas por Luiz Gonzaga perceberemos como suas mensagens irão retratar a identidade do Nordeste, uma vez, que o conjunto de suas canções relata e trazem como temas: à seca, à fome, os animais, à religiosidade, à miséria, à migração e o sofrimento, bem como mostrará os fatos do cotidiano nesse sertão nordestino.

O Nordeste cantando por Gonzaga se reflete no lugar, na paisagem, e no povo da região. Ele soube falar da vivência de um povo. Embora suas músicas não estigmatizar a imagem do Nordeste. Com isso não estamos negando as dificuldades que essa região passou e ainda passa, mas que certamente tem seus encantos.

E foi esse sofrimento estampado no rosto, na pele e no olhar do nordestino que Luiz retratou em suas canções. Ele vai falar da terra, e mostrar os sentimentos de um povo em forma de poesia, utilizando para isso, da região Nordeste mostrando essa, como sendo um espaço da saudade, que foi tema base para suas inspirações musicais.

Referências Bibliográficas

- AIRES, José Luciano de Queiroz. História-Conhecimento e as “Novas” Linguagens. NETO, Martinho Guedes dos Santos. (Org.). In: **História Ensinada: linguagens e abordagens para sala de aula**. João Pessoa: Idéia, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito Contra a Origem Geográfica e de Lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bestrand Brasil, 2006.
- CARVALHO, Eliana Pereira de. A Ciranda de Gracindo no Baião de Gonzaga e Teixeira. SOUZA, Marly Gondim Cavalcante. (Org.). In: **Leituras Cruzadas: literatura e música**. João Pessoa: Editora Universitária da UEPB, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 4 ed. Lisboa: Difel, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.
- LARROSA, Jorge. Leitura, experiência e formação. In: COSTA, M.V. **Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- LENCIONI, Sandra. Região e Geografia. A Noção de Região no Pensamento Geográfico. ALESSANDRINI, Ana Pani Carlos. (Org.). In: **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jetahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REIS, José Carlos. **Escola do Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. **Nação e Região**: os discursos fundadores. 4 ed. Rio de Janeiro: FUNART , 2000.

Disponível em: [□ www.divirta-se-uai.com.br/](http://www.divirta-se-uai.com.br/) □ Acessado em: 20 de Outubro de 2012.

Disponível em: [□ letras.mus.br/luiz-gonzaga/82378/](http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/82378/) □ Acessado em: 25 de Outubro de 2012.

Disponível em: [□ letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/](http://letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/) □ Acessado em: 25 de Outubro de 2012.

ANEXOS

“A Triste Partida”

Meu Deus/ Meu Deus/ Setembro passou/ Outubro e novembro/ Já tamo em Dezembro/
Meu Deus, que é de nós/ Meu Deus, meu Deus/ Assim fala o pobre/ Do seco Nordeste/
Com medo da peste/ Ai, ai, ai, ai.

A treze do mês/ Ele fez experiência/ Perdeu sua crença/ Nas pedras de sal,/ Meu Deus,
meu Deus/ Mas noutra esperança/ Com gosto se agarra/ Pensando na barra/ Do alegre
natal/ Ai, ai, ai, ai.

Rompeu-se o natal/ Porém barra não veio/ O sol bem vermeio/ nasceu muito além/ Meu
Deus, meu Deus/ Na copa da mata/ Buzina a cigarra/ Ninguém vê a barra/ Pois barra
não tem/ Ai, ai, ai, ai.

Sem chuva na terra/ Descamba janeiro,/ Depois fevereiro/ E o mesmo verão/ Meu Deus,
meu Deus/ Entonce o nortista/ Pensando consigo/ Diz. “isso é castigo/ não chove mais
não” / Ai, ai, ai, ai.

Apela pra março/ Que é o mês preferido/ Do santo querido/ Sinhô São José/ Meu Deus,
meu Deus/ Mas nada de chuva/ Tá tudo sem jeito/ Lhe foge do peito/ O resto da fé/ Ai,
ai, ai, ai.

Agora pensando/ Ele segue outra tria/ Chamando a fãmia/ Começa a dizer/ Meus Deus,
meu Deus/ Eu vendo meu burro/ Meu jegue e o cavalo/ Nóisvamo a São Paulo/ Viver
ou morrer/ Ai, ai, ai, ai.

Nóisvamo a São Paulo/ Que a coisa tá feia/ Por terras alheia/ Nós vamos vagar/ Meu,
meu Deus/ Se o nosso destino/ Não for tão mesquinho/ Cá e pro mesmo cantinho/ nós
torna a voltar/ Ai, ai, ai, ai.

E vende seu burro/ Jumento e o cavalo/ Inté mesmo o galo/ Venderam também/ Meu,
meu Deus/ Pois logo aparece feliz fazendeiro/ Por pouco dinheiro/ Lhe compra o que
tem/ Ai, ai, ai, ai.

Em um caminhão/ Ele joga a fãmia/ Chegou o triste dia/ Já vai viajar/ Meu Deus, meu
Deus/ A seca terrívi/ Que tudo devorou/ Ali lhe bota pra fora/ Da terra natal/ Ai, ai, ai,
ai.

O carro já corre/ No topo da serra/ Oiando pra terra/ Seu berço, seu lar/ Meu Deus, meu Deus/ Aquele nortista/ Partindo de pressa/ De longe acena/ Adeus meu lugar/ Ai, ai, ai, ai.

No dia seguinte/ Já tudo enfadado/ E o carro embalado/ Veloz a correr/ Meu Deus, meu Deus/ Tão triste, coitado/ Falando saudoso/ Seu filho choroso/ iscrama a dizer/ Ai, ai, ai, ai.

De pena e saudade/ Papai sei que morro/ Meu pobre cachorro/ Quem dá de comer/ Meu Deus, meu Deus/ já outro pergunta/ Maezinha, e meu gato?/ Com fome, sem teto/ Mimi vai morrer/ Aí, ai, ai, ai.

E a linda pequena/ Tremendo de medo/ “Mamãe, meus brinquedo/ Meu pé de fulô?/ Meu Deus, meu Deus/ Meu pé de roseira/ Coitado, ele seca/ E minha boneca/ Também lá ficou/ Ai, ai, ai, ai.

E assim vão deixando/ Com choro e gemido/ Do berço querido/ Céu lindo azul/ Meu Deus, meu Deus/ O pai, prazeroso/ Nos fio pensando/ E o carro rodando/ Na estrada do sul/ Ai, ai, ai, ai.

Chegaram em São Paulo/ Sem cobre quebrado/ E o pobre acanhado/ Percura um patrão/ Meu Deus, meu Deus/ Só vê cara estranha/ De estranha gente/ tudo é diferente/ Do carro torrão/ Ai, ai, ai, ai.

Trabaiadois ano,/ Três ano e mais ano/ E sempre nos prano/ De um dia vortar/ Meu Deus, meu Deus/ Mais nunca ele pode/ Só vive devendo/ E assim sofrendo/ E sofre sem parar/ Ai, ai, ai, ai.

Se alguma notícia/ Das bandas do norte / Tem ele por sorte/ O gosto de ouvir/ Meu Deus, meu Deus/ Lhe bate o peito/ Saudade de móio/ E as águas nos óio/ Começa a cair/ Ai, ai, ai, ai.

Do mundo afastado/ Ali vive preso/ Sofrendo desprezo/ Devendo ao patrão/ Meu Deus, meu Deus/ O tempo rolando/ Vai dia e vem dia/ E aquela fãmia/ Não vorta mais não/ Ai, ai, ai, ai.

O carro já corre/ No topo da serra/ Oiando pra terra/ Seu berço, seu lar/ Meu Deus, meu Deus/ Aquele nortista/ Partindo de pressa/ De longe acena/ Adeus meu lugar/ Ai, ai, ai, ai.

No dia seguinte/ Já tudo enfadado/ E o carro embalado/ Veloz a correr/ Meu Deus, meu Deus/ Tão triste, coitado/ Falando saudoso/ Seu filho choroso/ iscrama a dizer/ Ai, ai, ai, ai.

De pena e saudade/ Papai sei que morro/ Meu pobre cachorro/ Quem dá de comer/ Meu Deus, meu Deus/ já outro pergunta/ Maezinha, e meu gato?/ Com fome, sem teto/ Mimi vai morrer/ Aí, ai, ai, ai.

E a linda pequena/ Tremendo de medo/ “Mamãe, meus brinquedo/ Meu pé de fulô?/ Meu Deus, meu Deus/ Meu pé de roseira/ Coitado, ele seca/ E minha boneca/ Também lá ficou/ Ai, ai, ai, ai.

E assim vão deixando/ Com choro e gemido/ Do berço querido/ Céu lindo azul/ Meu Deus, meu Deus/ O pai, prazeroso/ Nos fio pensando/ E o carro rodando/ Na estrada do sul/ Ai, ai, ai, ai.

Chegaram em São Paulo/ Sem cobre quebrado/ E o pobre acanhado/ Percura um patrão/ Meu Deus, meu Deus/ Só vê cara estranha/ De estranha gente/ tudo é diferente/ Do carro torrão/ Ai, ai, ai, ai.

Trabaiadois ano,/ Três ano e mais ano/ E sempre nos prano/ De um dia vortar/ Meu Deus, meu Deus/ Mais nunca ele pode/ Só vive devendo/ E assim sofrendo/ E sofre sem parar/ Ai, ai, ai, ai.

Se alguma notícia/ Das bandas do norte / Tem ele por sorte/ O gosto de ouvir/ Meu Deus, meu Deus/ Lhe bate o peito/ Saudade de móio/ E as águas nos óio/ Começa a cair/ Ai, ai, ai, ai.

Do mundo afastado/ Ali vive preso/ Sofrendo desprezo/ Devendo ao patrão/ Meu Deus, meu Deus/ O tempo rolando/ Vai dia e vem dia/ E aquela fambia/ Não vorta mais não/ Ai, ai, ai, ai.

Distante da terra/ Tão seca mas boa/ Exposto á garoa/ Á lama e o paúl/ Meu Deus, meu Deus/ Faz pena o nortista/ Tão forte, tão bravo/ Viver como escravo/ No norte e no sul/ Ai, ai, ai, ai.

Disponível em: letras.mus.br/luiz-gonzaga/82378/

“Asa Branca”

Quando “oiei” a terra ardendo/ Qual a fogueira de São João/ Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Por que tamanha judiação.

Eu perguntei a Deus do céu, ai/ Porque tamanha judiação.

Que braseio que fornaia/ Nem um pé de “prantação” / Por farta d’água perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão.

Por farta d’água perdi meu gado/ Morreu de sede meu alazão.

Inté mesmo a asa branca/ Bateu asas do sertão/ “intonce” eu disse adeus Rosinha/ Guarda contigo meu coração.

“Intonce” eu disse adeus Rosinha/ Guarda contigo meu coração.

Hoje longe muitas légua/ Numa triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim vortar viu pro meu sertão.

Espero a chuva cair de novo/ Pra mim vortar viu pro meu sertão.

Quando oespaiar verde dos teus”óio”/ Se espanhar na prantação/ Eu te asseguro não chora não, viu/ Que eu vortarei, viu/ Meu coração.

Eu te asseguro não chora não, viu/ Que eu vortarei , viu/ Meu coração.

Disponível em: letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/